

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
E LITERATURA

MARLENE SZCZPANSKI DITTRICH

**A CONDIÇÃO FEMININA NOS CONTOS “AMOR” E “IMITAÇÃO DA
ROSA”, DE CLARICE LISPECTOR**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA - PR

2020

MARLENE SZCZPANSKI DITTRICH

**A CONDIÇÃO FEMININA NOS CONTOS “AMOR” E “IMITAÇÃO DA
ROSA”, DE CLARICE LISPECTOR**

Monografia de Especialização apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura-2019, a distância, pela UAB/UTFPR, do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Curitiba, como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura”.

Orientadora: Profa. Dra. Alice Atsuko Matsuda

CURITIBA - PR

2020

TERMO DE APROVAÇÃO



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Ensino de Língua Portuguesa e Literatura



A condição feminina nos contos "Amor" e "Imitação da rosa", de Clarice Lispector

por

MARLENE SZCZPANSKI DITTRICH

Esta monografia foi apresentada às 15:30 do 2 de setembro de 2020 como requisito parcial para a obtenção do título de **Especialista no Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura** – Polo de Rio Negro - PR, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **APROVADO**

Alice Atsuko Matsuda

Marcelo Fernando de Lima

marcio matiassi cantarin

a autenticidade deste documento pode ser verificada através da URL:
<http://certificados.utfpr.edu.br/validar/5E814104>

RESUMO

Neste trabalho objetivou-se, a partir da análise de dois contos integrantes da obra *Laços de família* (LISPECTOR, 1983), identificar elementos que indiquem como a autora, ao questionar a condição da mulher mostrada nos contos, influencia na construção de uma nova identidade feminina. A pesquisa tem cunho exploratória, com levantamento bibliográfico, definindo estudos sobre: a autora, a literatura de autoria feminina, estudos culturais, a crítica feminista, sociedade patriarcal e a formação da identidade feminina. Para atingir esse objetivo foram abordados aspectos sociais, históricos e culturais, com base nos pressupostos teóricos de Zolin (2007), Xavier (1998), Guareshi (1997), Silva (2014), Woodward (2014), Hall (2011), Esser (2014), entre outros. Clarice Lispector, autora que inaugura a fase feminista da literatura de autoria feminina no Brasil, literatura essa até então discriminada e considerada subcultura, critica e questiona a ideologia patriarcal e a repressão feminina em suas obras, mostrando a posição de inferioridade que a mulher estava sujeita. Sob o ponto de vista feminino, as narrativas clariceanas incentivam a mulher a buscar seu lugar na sociedade, sua independência, e assim construir uma nova identidade.

Palavras-chave: Literatura feminina; Condição da mulher; Identidade feminina; Clarice Lispector; *Laços de família*.

RESUMEN

En este trabajo se procuró, a partir del análisis de dos cuentos que forman parte de la obra *Lazos de familia* (LISPECTOR, 1983), identificar elementos que indiquen como la autora al cuestionar la condición de la mujer presentada en los cuentos tiene influencia en la construcción de una nueva identidad femenina. La investigación tiene una naturaleza exploratoria, con encuesta bibliográfica, definiendo estudios sobre: la autora, la literatura de autoría femenina, estudios culturales, la crítica feminista, sociedad patriarcal y la formación de la identidad femenina. Para alcanzar ese objetivo fueron abordados aspectos sociales, históricos y culturales, basados en los presupuestos teóricos de Zolin (2007), Xavier (1998), Guareshi (1997), Silva (2014), Woodward (2014), Hall (2011), Esser (2014) entre otros. Clarice Lispector, autora que inaugura la fase feminista de la literatura de autoría femenina en Brasil, literatura esta hasta el momento discriminada y considerada subcultura, critica y cuestiona la ideología patriarcal y la represión femenina en sus obras, mostrando la posición de inferioridad a que la mujer está sujeta. Bajo este punto de vista femenino, las narrativas clariceanas incentivan la mujer a buscar su lugar en la sociedad, su independencia, y así construir una nueva identidad.

Palabras-clave: Literatura femenina; Condición de la mujer; Identidad femenina; Clarice Lispector; *Lazos de familia*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
1 ESTADO DA ARTE: UMA BREVE FORTUNA CRÍTICA	08
2 A CONDIÇÃO FEMININA NA SOCIEDADE PATRIARCAL.....	14
3 CONDIÇÃO FEMININA X IDENTIDADE.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

Há toda uma relação histórica e cultural quanto à submissão da mulher e a supremacia do homem no contexto da sociedade patriarcal, em que a mulher ficava limitada ao espaço doméstico, cumprindo as normas pré-estabelecidas: casamento como destino inevitável, cuidar da casa, dos filhos, do marido, esquecendo-se de si própria.

Isso só começou a mudar com o advento do feminismo. Segundo Zolin (2007, p.253), “A crítica feminista surgida por volta de 1970 no contexto do feminismo, fez emergir uma tradição literária feminina até então ignorada pela história da literatura.”

Clarice Lispector inaugura a fase feminista da literatura de autoria feminina no Brasil. Fase essa, marcada pelo protesto, críticas e questionamentos à ideologia patriarcal e à repressão feminina. Suas narrativas mostram a discriminação social da mulher e sua impotência diante de uma sociedade onde imperam os valores patriarcais. “Clarice Lispector questiona com muita ironia este modelo familiar, onde a mulher, condenada à imanência, fica reduzida ao espaço privado”, destaca Elódia Xavier em sua obra *Declínio do Patriarcado: A família no imaginário feminino* (1998, p. 27). Assim, a partir do advento do feminismo e da literatura de autoria feminina, a mulher que até então estava “meio satisfeita com seu destino de mulher” começa a questionar sua condição subalterna e totalmente dependente.

Na presente monografia, objetiva-se analisar dois contos de Clarice Lispector que fazem parte da obra *Laços de Família* (1983) – “Amor” e “Imitação da Rosa”, com o intuito de mostrar, à luz dos estudos culturais e considerando os aspectos sociais, históricos e psicológicos, como a autora, ao questionar a condição da mulher revelada nos contos, influencia na construção de uma nova identidade feminina. A pergunta que norteia a pesquisa é: Como a autora, ao questionar a condição da mulher demonstrada nos contos influencia na formação de uma nova identidade feminina?

Esses contos, evidenciam questões referentes à condição da mulher inserida em uma sociedade regulada pela ideologia patriarcal, enquadrada no seu “destino de mulher”, reduzida ao espaço doméstico, (que apesar de insatisfatório proporciona segurança) e a sua busca pela identidade. A autora retrata com maestria a discriminação da mulher na época. Era tratada como ser inferior – tudo que estivesse fora do contexto doméstico era perigoso. Esse é um assunto que pode ser explorado sob vários ângulos, na medida em que, ainda hoje, esse problema se perpetua. Muitas mulheres vivem aprisionadas no espaço doméstico, apenas cumprindo o papel de ser mulher, anulando-se em favor dos outros. Outras, que foram à luta e

já estão inseridas no mercado de trabalho, não se desvincularam de suas “obrigações domésticas”.

A metodologia utilizada é a pesquisa exploratória, com levantamento bibliográfico, definindo estudos sobre: a autora, a literatura de autoria feminina, estudos culturais, a crítica feminista, sociedade patriarcal e a formação da identidade feminina. Essas obras selecionadas serão analisadas a partir do método hipotético-dedutivo, comparativamente com a situação da mulher mostrada nos contos e abordadas no segundo capítulo.

O trabalho será estruturado em três tópicos:

Primeiro tópico: “Estado da Arte: uma breve fortuna crítica” – realiza-se um levantamento da fortuna crítica sobre a obra de Clarice Lispector, em especial sobre *Laços de família*, livro de contos que discute os conflitos familiares, levando a reflexões sobre a vida nesse contexto.

No segundo tópico intitulado “A condição feminina na sociedade patriarcal”, a partir da análise dos contos e com base em obras sobre o assunto que foram selecionadas em pesquisa exploratório-bibliográfica são abordados:

1. Aspectos históricos e culturais – padrões ideológicos e normas sociais estabelecidas na cultura patriarcal, em que serão empregados os pressupostos teóricos dos seguintes autores: Xavier (1998); Guareshi (1997); Zolin (2007), entre outros.
2. Com relação ao conto “A imitação da rosa” (LISPECTOR, 1993), é verificada a intertextualidade com o livro *A imitação de Cristo*, de Tomás de Kempis (obra de literatura devocional - lida no colégio pela protagonista) e a influência da ideologia religiosa.

Através do diálogo entre os dois textos e considerando que a protagonista de “A imitação da rosa” (LISPECTOR, 1993) resente-se por não ter sido mãe, analisa-se a influência de aspectos sociais e psicológicos com relação à estrutura familiar e a maternidade, com base no artigo *O papel da mulher no contexto familiar: uma breve reflexão*, de Borsa; Feil, (2008)

No terceiro tópico “Condição feminina X Identidade”, sob a perspectiva dos estudos culturais, é verificada a questão da identidade e diferença, com base em Tomáz Tadeu da Silva (2014), Kathryn Woodward (2014) e Stuart Hall (2011), a fim de demonstrar a condição da mulher nos contos e a sua influência na formação de uma nova identidade feminina.

A condição da mulher mostrada nos contos está ligada à história, às relações de poder, às condições sociais.

1. ESTADO DA ARTE: UMA BREVE FORTUNA CRÍTICA

Clarice Lispector, nasceu na Ucrânia, em 1920 e faleceu no Rio de Janeiro em 1977, um dia antes de completar 57 anos. Escritora pertencente à 3ª fase do modernismo, dedicou-se a literatura, revelando um novo modo de escrever. Através da prosa intimista, explorou o pensamento das personagens, sentimentos, descrições psicológicas. Rompeu padrões da época, colocando em primeiro plano o universo feminino e seu ambiente familiar, relegando o homem ao segundo plano.

Recebeu vários prêmios, teve livros publicados em outras línguas, e alguns adaptados para o teatro e o cinema.

Seu primeiro romance *Perto do coração selvagem*, foi publicado em 1944 e foi o marco inicial de uma obra extensa e valorizada pela crítica literária. Sobre essa obra o crítico literário Antonio Candido (1970) dedica um capítulo de seu livro *Vários escritos*, intitulado No raiar de Clarice Lispector. Logo no início do livro, em Nota sobre os escritos (1970, p.7), esclarece que esse texto já havia sido publicado no ensaio *Tentativa de renovação* (Brigada ligeira), depois de ter aparecido sob a forma de dois artigos na Folha da manhã em 1943”. Candido inicia o texto abordando o conformismo estilístico vigente no Brasil, em que muitos romancistas se contentam com as posições já adquiridas e a necessidade de “uma verdadeira reforma do pensamento literário”

Por isso, tive verdadeiro choque ao ler o romance diferente que é *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector, escritora até aqui completamente desconhecida para mim. Com efeito, este romance é uma tentativa impressionante de levar a nossa língua canhestra a domínios pouco explorados, forçando-a a adaptar-se a um pensamento cheio de mistério, para o qual sentimos que a ficção não é um exercício ou uma aventura afetiva, mas um instrumento real do espírito, capaz de nos fazer penetrar em alguns dos labirintos mais retorcidos da mente. (CANDIDO, 1970, p.126,127).

O crítico situa o romance de Lispector como um livro “que procura esclarecer mais a essência do que a existência, mais o ser do que o estar, com um tempo acentuadamente psicológico” (CANDIDO, 1970, p.128). Antonio Candido, um dos maiores intelectuais do Brasil, percebeu o valor da escritora Clarice Lispector, já em seu primeiro romance, quando ainda era desconhecida.

A autora soube criar o estilo conveniente para o que tinha a dizer. Soube transformar em valores as palavras nas quais muitos não veem mais do que sons e sinais. A intensidade com que sabe escrever e a rara capacidade da vida interior poderão fazer dessa jovem escritora um dos valores mais sólidos e, sobretudo mais originais da

nossa literatura, porque essa primeira experiência já é uma nobre realização. (CÂNDIDO, 1970, p.131).

A crítica de Antonio Candido ao primeiro livro da autora, se encaixa a toda sua obra. O livro *Laços de família*, do qual fazem parte os contos analisados nesta monografia, teve sua primeira edição em 1960. É composto por treze contos, e abordam as relações familiares que proporcionam afeto, segurança, porém também aprisionam. Quase todas as personagens dos contos são femininas. Essa obra conquistou, em 1961, o prêmio Jabuti de literatura da Câmara Brasileira do Livro, na categoria Contos, crônicas e novelas. Sobre esse livro

Intelectuais da época também manifestaram sua apreciação pelo trabalho da escritora por meio de cartas: Fernando Sabino afirma que a obra seria exata, sincera, indiscutível e até humildemente o melhor livro de contos publicado no Brasil e Érico Veríssimo afirma que *Laços de família* é a mais importante coleção de histórias publicadas neste país na era pós-machadiana (FASCINA; MARTHA, 2015, p. 101,102).

A contracapa do livro *Laços de família*, 17ª edição, 1983, também traz o parecer de vários críticos literários sobre a obra, entre eles Gilberto Mendonça Teles,

que considera o livro pura obra prima e a ele dedicou estudo detalhado, a palavra laços ganha nos treze contos que o compõem um sentido ambíguo: são vínculos de matrimônio, parentesco, mas também de estratégias, já que, segundo ele, uma das mais flagrantes intenções da autora foi deles se servir como denúncia do círculo familiar, das armadilhas de seu cotidiano, seus mistérios, ódios e amores.

Benedito Nunes, filósofo e crítico literário paraense, foi um estudioso da obra clariceana. Utiliza a filosofia existencialista em seus estudos, analisando as obras sob um olhar filosófico. Nesse sentido, Fascina e Martha (2015), em *A recepção crítica de Clarice Lispector: momentos decisivos*, fazem reflexões sobre a recepção crítica com relação à obra de Lispector, incluindo a coletânea *Laços de família*, com o objetivo de mostrar o olhar da crítica sobre a ficção da autora, após as contribuições de Nunes:

A coletânea *Laços de Família*, publicada em 1960, obra que quebra o período de silêncio da escritora, instaurado desde o início de suas viagens pelo mundo, e o romance *A paixão segundo G.H.*, de 1964, são perfeitas ilustrações da consolidação de todas as questões formais e existenciais que se iniciam com *Perto do Coração Selvagem*, mas apenas com os posicionamentos de Nunes, são mais bem visualizadas e discutidas (FASCINA; MARTHA, 2015, p.99/100).

Segundo os autores, a análise crítica de Nunes, a partir de uma reflexão a respeito da filosofia existencial e a arte literária, lançou um outro olhar à obra da escritora, mostrando outras formas de interpretação. Assim,

Os teóricos que contribuíram para a fortuna crítica de Clarice, após 1960, compartilharam as ideias propostas por Benedito Nunes. A preocupação existencial, a sondagem psicológica, o enredo não linear, o uso do monólogo interior e do fluxo de consciência, dentre outras características, passaram a ser melhor entendidas e apreciadas. O estudo do filósofo abriu margens para novas discussões e a escritora, que até então tinha seus livros empoeirados nas estantes de bibliotecas, passa a ser objeto de estudo de muitos teóricos e principalmente passa a servir como fonte de inspiração para uma nova geração de escritores que vinha despontando naquela época.[...] Seguindo os posicionamentos de Nunes, Massaud Moisés (1985) diz que literatura existencial, ou existencialista, eis o rótulo que se pode colar na obra de Clarice Lispector: os vocábulos “náusea”, “nojo” e correlatos saltam-lhe da pena em certa fase de sua carreira, notadamente em *Laços de Família* (FASCINA; MARTHA, 2015, p. 100/101).

Na obra *Leitura de Clarice Lispector* (1973), Benedito Nunes reserva um capítulo para falar sobre os contos. São três coletâneas: *Laços de família*, *A legião estrangeira*, e *felicidade clandestina*, que “seguem o mesmo eixo mimético dos romances”

Na maioria dos contos da autora, o episódio único que serve de núcleo à narrativa é um momento de tensão conflitiva. Como núcleo, isto é, como centro de continuidade épica, tal momento de crise interior aparece diversamente condicionado e qualificado em função do desenvolvimento que a história recebe. Assim, em certos contos, a tensão conflitiva se declara subitamente e estabelece uma ruptura do personagem com o mundo. Noutros, porém, a crise declarada, que raramente se resolve através de um ato, mantém-se do princípio ao fim, seja como aspiração ou devaneio, seja como mal-entendido ou incompatibilidade entre pessoas, tomando a forma de estranheza diante das coisas, de embate dos sentimentos ou de consciência culposa (NUNES, 1973, p. 79).

Essa tensão conflitiva pode, segundo o autor, manifestar-se de várias formas. É o que se verifica nos contos analisados neste trabalho: em “Amor” (LISPECTOR, 1983, p.19) a tensão conflitiva configura-se como “transe nauseante”, e no conto “A imitação da rosa” (LISPECTOR, 1983, p.37) como “loucura”.

Os estudos de Benedito Nunes foram importantes para mostrar à crítica literária e aos demais leitores que a obra clariceana pode ser analisada/compreendida sob muitos ângulos, além do aspecto formal.

Na tese de doutorado de Carolina Hernandez Terrazas, intitulada *La náusea literária contemporânea em Clarice Lispector* (2008), a autora discorre sobre a náusea e a epifania em Clarice Lispector comparando-a com a obra *A náusea* de Sartre com o objetivo de estudar as

relações entre a concepção de náusea de Jean-Paul Sartre e Merleau-Ponty com a náusea contemporânea de Lispector, afirmando que “Clarice Lispector se vincula criativamente al existencialismo de Jean-Paul Sartre” (TERRAZAS, 2008, p.11).

Sartre e Merleau-Ponty, foram os maiores expoentes do pensamento existencialista. Para os existencialistas o homem tem liberdade de escolha, sendo o único responsável pelos seus fracassos:

el mérito de esta filosofía es justamente buscar la noción de existencia el modo de pensarla. La existencia, en sentido moderno, es el movimiento por el cual el hombre está en el mundo y es también, la manera de comprometerse en una situación física y social constituída por su punto de vista sobre el mundo (TERRAZAS, 2008, p.19).

Segundo a autora, Sartre é considerado o criador do conceito da náusea filosófica, enquanto Merleau-Ponty, contemporâneo de Sartre, buscou sentido para a náusea física-corpórea.

Sartre refere-se ao tédio como um estágio da indiferença que leva à insatisfação. Então a náusea é produzida pelo tédio/insatisfação.

Podríamos decir que la náusea consiste en tomar conciencia del hecho de que nuestros actos no están automáticamente justificados. Pensamos que todo es banal, superfluo, y sin embargo somos responsables ante el mundo. Sentimos entonces que nuestra presencia, nuestra existencia son intolerables, y se apodera de nosotros un miedo horroroso. El alcance de la náusea a nivel filosófico es la responsabilidad que podemos comprobar en nosotros por el mero hecho de existir. Esa responsabilidad, que adquirirá más tarde un sentido moral es evidentemente sentida primero como horror (TERRAZAS, 2008, p.128).

A náusea física- corpórea defendida por Merleau-Ponty, pode ser definida como um estado patológico - a ânsia de vomitar, uma afecção gástrica, mas também pode ter origem sensorial, nervoso.

Segundo a autora, ao dar uma entrevista no Museu da imagem e do som, Clarice Lispector declarou que a náusea que sentia e escrevia era “diferente da náusea de Sartre. Minha náusea é no corpo todo, em toda a alma” (TERRAZAS, 2008, p. 129), fazendo supor que sua náusea era mais física que filosófica.

De certa manera curiosa, la mujer durante el embarazo siente esta náusea, sintoma sólo de la mujer que está a punto de gestar, de crear. Si tomamos desde el primer capítulo la creación de Clarice Lispector con los personajes, como une la trama a través del lenguaje, podríamos hablar de un embarazo del lenguaje hasta la expulsión al exterior em una especie de náusea (TERRAZAS, 2008, p.130).

Tanto a náusea filosófica quanto a física partem do corpo em busca da liberdade. O estado de náusea é recorrente na obra clariceana. Ela não segue regras, na arte de escrever, ela utiliza sua inspiração e sua própria visão de mundo.

O uso do monólogo interior como técnica narrativa é característica das narrativas de Clarice Lispector. Esse monólogo interior, se estrutura em torno de um fluxo de consciência, produzindo na personagem uma revelação – a epifania.

Sobre epifania, a autora se refere a Olga de Sá e seu livro *A escritura de Clarice Lispector*, que faz um levantamento sobre os críticos literários que já trataram desse tema, mencionando também o autor irlandês James Joyce que foi o primeiro a utilizar a epifania como técnica literária:

A epifania, extrapolando de sua origem bíblica, será transformada, por Joyce em técnica literária, contribuindo, desta forma para matizar os acontecimentos cotidianos e transfigurá-los em efetiva descoberta do real. A “escritura epifânica” de Clarice Lispector, nos seus melhores momentos, é procedimento do seu romance metafísico (SÁ, 1979, p. 166, apud TERRAZAS, 2008, p. 202).

Na obra clariceana, a epifania causa a personagem uma ruptura com a realidade, com o modo de vida anterior, instigando-a a refletir, tomar consciência, romper padrões. Olga de Sá define epifania com muita propriedade:

Ela é a expressão de um momento excepcional, em que se rasga para alguém a casca do cotidiano, que é rotina, mecanicismo e vazio. Mas é também defesa contra os desafios das descobertas interiores, das aventuras como o ser. Por isso a epifania é sempre um momento de perigo, à borda do abismo, da sedução que espreita todas as vidas. A vida protegida representa o domesticado, o dia-a-dia, o casamento, as compras na feira, as visitas e os aniversários (SÁ, 1979, p.334, apud TERRAZAS, 2008, p. 206).

Esse momento de iluminação, de reflexão, de ruptura com os padrões estabelecidos está presente na obra de Clarice, exemplificado pelos contos analisados neste trabalho, quando “um ramalhete de rosas”, “um cego mascando chicles”, desestruturam as protagonistas. Ao estabelecerem uma relação com o mundo fora do ambiente doméstico, tomam consciência da situação de submissão a que estavam sujeitas, percebendo que podem mudar a situação, são livres para decidir, por isso sentem náusea. Segundo a autora “tanto los personagens sartreanos como los clariceanos” assumem uma nova responsabilidade ao tomar consciência, que pode lhes permitir alcançar a liberdade;

“Si em Sartre la libertad es condición de la escritura, em Clarice Lispector la escritura es condición para la libertad; no obstante, em ambos la escritura es también compromiso”. (TERRAZAS, 2008, p.251).

Essa foi apenas uma breve abordagem da fortuna crítica da autora, pois desde a primeira publicação com a crítica de Antonio Candido em 1943 e até hoje, quando se comemora cem anos de seu nascimento, a obra de Clarice Lispector está na pauta dos críticos literários, sendo tema de inúmeros estudos acadêmicos.

Clarice Lispector representou uma ruptura com a tradição literária do seu tempo – mostrando uma nova forma de escrever, deixando um grande legado para a literatura, com repercussão tanto no Brasil como no exterior.

No próximo capítulo, através da análise de dois contos da obra *Laços de Família* (1960), será abordada a condição da mulher e a busca por libertação das obrigações impostas pela sociedade patriarcal.

2. A CONDIÇÃO FEMININA NA SOCIEDADE PATRIARCAL

Na sociedade patriarcal, a história das mulheres está ligada à opressão e submissão, onde o homem (pai/marido) é o detentor do poder.

Elódia Xavier, em *Declínio do Patriarcado – A família no imaginário feminino* (1998), fala sobre a origem da instituição familiar e conseqüentemente da dominação do homem sobre a mulher: “A partir do direito hereditário paterno, forma-se a família patriarcal que vem, através dos séculos, sofrendo os efeitos das transformações sociais” (XAVIER, 1998, p. 112). Mais adiante, diz que, a história da instituição familiar no Brasil “tem como ponto de partida o modelo patriarcal, trazido pelo colonizador e, de tal forma adaptado às condições sociais existentes – latifúndio e escravidão – que se impregnou profundamente em nossa realidade social, resistindo, ainda, em algumas regiões mais atrasadas.” (XAVIER, 1998, p.113). Nessa obra, a autora destaca a importância da literatura de autoria feminina, mostrando a família vista pela ótica de várias escritoras do século XX, entre elas Clarice Lispector. Segundo Xavier, “A leitura de *Laços de família* (1960) [...] torna visível as contradições inerentes ao contexto familiar, que protege e reprime ao mesmo tempo” (XAVIER, 1998, p.26).

Só a partir da projeção da literatura de autoria feminina, e da crítica feminista, surgida na segunda metade do século XX, a mulher – que durante muito tempo foi submissa, oprimida, inferiorizada – passou aos poucos, a assumir outros papéis.

O cânone literário, até então era regulado por uma ideologia que excluía a escrita das mulheres. Conforme o artigo *Literatura de autoria feminina* de Lucia Osana Zolin:

A crítica feminista, surgida por volta de 1970, no contexto do feminismo, fez emergir uma tradição literária feminina até então ignorada pela história da literatura. Tomando como elemento norteador a bandeira do feminismo e, portanto, a ótica da alteridade e da diferença, muitos historiadores literários começaram a resgatar e a reinterpretar a produção literária de autoria feminina, numa atitude de historicização que se constituiu como resistência à ideologia que historicamente vinha regulando o saber sobre a literatura. (ZOLIN, 1997, p. 253)

Segundo a autora, é nos anos 1970/1980 que surge uma explosão de publicações de autoria feminina no Brasil, “mas é Clarice Lispector quem abre uma tradição para a literatura da mulher no Brasil, gerando um sistema de influências que se fará reconhecido na geração seguinte” (VIANNA, 1995, p.172, apud ZOLIN, 2007, p. 255). Clarice Lispector, em suas obras, critica os valores patriarcais “tornando visível a repressão feminina nas práticas sociais, numa espécie de consequência do processo de conscientização desencadeado pelo feminismo”

(ZOLIN, 2007, p.258), como se pode ver nos contos “Amor” e “Imitação da rosa” integrantes do livro *Laços de família*, cuja primeira edição data de 1960.

Nesses contos, Lispector mostra a mulher sujeita às relações de dominação e poder sob o jugo da ideologia patriarcal. Sobre o conceito de ideologia, Gregolin a define como “um conjunto de representações dominantes em uma determinada classe da sociedade”(1995, p.17), citando mais adiante o conceito de ideologia segundo Althusser: “Ideologia é a representação imaginária que interpela os sujeitos a tomarem um determinado lugar na sociedade, mas que cria a ilusão de liberdade do sujeito” (ALTHUSSER, s.d., apud GREGOLIN, 1995, p.18).

No conto “Amor”, da obra *Laços de família*, a autora retrata a protagonista Ana como esposa, mãe, responsável pelo ambiente doméstico, definindo-a como uma pessoa meio satisfeita: “Um pouco cansada, com as compras deformando o novo saco de tricô, Ana subiu no bonde. Depositou o volume no colo e o bonde começou a andar. Recostou-se então no banco procurando conforto, num suspiro de meia satisfação” (LISPECTOR, 1983, p.19).

A narrativa inicia mostrando a resignação da mulher ao cumprir suas tarefas diárias. A seguir, pode-se notar que a protagonista reproduz o discurso da ideologia dominante, criando uma ilusão de sua realidade:

No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem se casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha – com persistência, continuidade, alegria. O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e o escolhera. (LISPECTOR, 1983, p.20-21)

Neste trecho, Lispector deixa clara a impotência da mulher na sociedade patriarcal. É mais fácil esquecer a vida que tinha anteriormente – a “felicidade insuportável” – e adaptar-se ao “destino de mulher”, à ideologia dominante, até porque “também sem a felicidade se vivia”.

Enquanto estivesse ocupada com seus afazeres domésticos se sentia segura:

Sua precaução reduzia-se a tomar cuidado na hora mais perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela, o sol alto, cada membro da família distribuído nas suas funções. Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um

pouco em espanto. Mas, na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto – ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido. Saía então para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar e da família à revelia deles. Quando voltasse era o fim da tarde e as crianças vindas do colégio exigiam-na. Assim, chegaria a noite, com sua tranquila vibração. De manhã, acordaria aureolada pelos calmos deveres. Encontrava os móveis, de novo, empoeirados e sujos, como se voltassem arrependidos. Quanto a ela mesma, fazia obscuramente parte das raízes negras e suaves do mundo. E alimentava anonimamente a vida. Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolhera. (LISPECTOR, 1983, p. 21)

Através da protagonista Lispector questiona os valores patriarcais. A hora mais perigosa é aquela em que sobra tempo para refletir sobre a vida, a hora do “espanto”. Como lhe falta coragem para romper com os padrões dominantes, Ana precisa estar sempre ocupada. “O bonde se arrastava, em seguida estacava.” Foi então que ela viu...

Um homem cego mascava chicles...Ana ainda teve tempo de pensar por um segundo que os irmãos viriam jantar – o coração batia-lhe violento, espaçado. Inclinação, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mastigava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir – como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o. E quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio. Mas continuava a olhá-lo, cada vez mais inclinada – o bonde deu uma arrancada súbita jogando-a desprevenida para trás, o pesado saco de tricô despencou-se do colo, ruiu no chão – Ana deu um grito, o condutor deu ordem de parada...mas os ovos se haviam quebrado no embrulho de jornal. (LISPECTOR, 1983, p. 22)

“O mal estava feito.” Acontece o “espanto” que Ana tanto temia – A figura do cego mascando chicles a lembra da rotina doméstica, da automação em que sua vida se transformara e isso a faz despertar e repensar sua vida:

Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. Mantinha tudo em serena compreensão, separava uma pessoa das outras, as roupas eram claramente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite – tudo feito de modo que um dia se seguisse ao outro. E um cego mascando goma despedaçava tudo isso. E através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca. (LISPECTOR, 1983, p.24)

Sobre o sentido de epifania (ou espanto conforme descrito no conto), Ma Lin (2015), em seu artigo *A formação da mulher em Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres de Clarice Lispector*, cita vários críticos que já escreveram sobre o assunto, entre eles Affonso Romano de Sant’Anna (1979, s.p.), que diz que o sentido de epifania presente no contexto literário “parte de experiência aparentemente simples e rotineira, mas que se torna meio para que ocorra a revelação inesperada. Nesse sentido, os objetos mais simples, as situações cotidianas e os gestos mais banais provocam uma iluminação súbita na personagem” (MA

LIN, 2015, p.78). É o que acontece com a protagonista do conto, que ao ver um cego mascando chicletes perde o rumo, e não sabe o que fazer.

A autora sugere que, ao quebrar os ovos, algo se quebrara dentro de Ana. De repente, sentiu-se livre, mas essa liberdade a incomodava, pois isso destruiria toda sua rotina tão bem organizada. “O que chamara de crise viera afinal”. A marca da crise para Ana “era o prazer intenso com que olhava agora as coisas sofrendo espantada” (LISPETOR, 1983, p.23). Quando tornou a si, viu que o bonde já tinha passado do seu ponto de descida. Desceu próximo ao Jardim Botânico, e com medo, entrou. Ficou admirando a vegetação exuberante, os ruídos, o cheiro das árvores, flores, frutos. Os inúmeros animais que ali habitavam a chamavam para a liberdade. “Era fascinante e ela sentia nojo” (LISPECTOR, 1983, p.27). Nessa frase, a autora utiliza um jogo de oposições – a protagonista sente nojo quando toma consciência da difícil escolha que precisa fazer: decidir entre a fascinante vida que se descortina ante seus olhos e a realidade da sua vida atual.

O artigo, *Algumas considerações sobre o humano e o animal em Clarice Lispector pela perspectiva de Jacques Derrida*, de Talita de Barcelos Ramos, aborda o tema da animalidade na obra clariceana:

Um dos diversos temas que encontramos na obra de Clarice Lispector é o da animalidade e relação desta com o humano. A autora tinha uma forte atração pelos animais, a tal ponto que em sua obra os animais são vistos como o outro que mesmo não sendo humano possuem os mesmos instintos que os humanos, contudo sem doutrinar seus impulsos, assim seriam mais livres. (2019, p.21-22)

A referência aos animais é mais uma forma da autora questionar/criticar a condição da mulher e sua falta de liberdade. Sobre a vida animal há também a referência às ostras – “a protagonista sempre fora fascinada pelas ostras.” A autora deixa várias marcas no texto sobre a vida amorosa de Ana anterior ao casamento, que ela escondia como a ostra se esconde dentro da concha. O cego representava sua vida atual e “pendia entre os frutos”, chamando-a para a liberdade do Jardim Botânico que com toda a sua exuberância representava sua vida anterior.

De repente “seu coração se enchera com a pior vontade de viver”, mas, sentiu medo e quando se lembrou das crianças, se sentiu culpada e voltou a realidade. “Assim ela o quisera e escolhera”. O conto termina com o marido segurando-a pela mão e levando-a consigo para o quarto sem “olhar para trás, afastando-a do perigo de viver” (LISPECTOR, 1983, p.31).

Neste conto, a autora mostra o quanto a cultura patriarcal era opressora e mantinha a mulher dependente, ao mesmo tempo que, por meio do “espanto” da protagonista questiona esses valores, induzindo a uma reflexão sobre o assunto.

Em “A imitação da rosa”, conto da obra *Laços de família* (LISPECTOR, 1983, p.37), a autora descreve a protagonista Laura, voltando à rotina depois de um período de desequilíbrio. É descrita como uma mulher metódica, submissa, insegura, mostrando claramente uma posição inferior, não só diante da figura masculina, mas de todos. Se definia como “a esposa do Armando”:

Antes que Armando voltasse do trabalho a casa deveria estar arrumada e ela própria já no vestido marrom para que pudesse atender o marido enquanto ele se vestia, e então saíam com calma, de braço dado como antigamente. Há quanto tempo não faziam isso? Mas agora ela estava de novo ‘bem’ [...] jantariam com Carlota e João [...] E ela mesma, enfim, voltando à insignificância com reconhecimento. Como um gato que passou a noite fora e, como se nada tivesse acontecido, encontrasse sem uma palavra um pires de leite esperando. As pessoas felizmente ajudavam-na a fazê-la sentir que agora estava bem. (LISPECTOR, 1983, p.37-38)

O “estar bem” para Laura era adaptar-se ao destino de mulher vigente na época. Carlota, esposa de João, amigo de Armando, fora sua colega no colégio Sacre Coeur. Era ambiciosa, alegre, não via perigo em nada, tinha um modo “esquisito e engraçado” de tratar o marido – de igual para igual, e tinha feito do seu lar algo parecido com ela própria. O oposto de Laura, que era lenta, cuidadosa, um pouco chata e fazia de sua casa algo impessoal – se sentia uma visita em sua própria casa. Estava sempre se comparando com Carlota, dando a impressão que gostaria de ser igual a ela, mas não tinha coragem. Através dessas comparações a autora questiona os valores patriarcais, mostrando outra forma de viver, com mais liberdade.

Parece que, enquanto ela esteve internada, era o centro das atenções, todos a tratavam bem, e agora tinha que se readaptar ao papel imposto pela sociedade patriarcal: “com seu gosto pelo método, agora reassumido” (LISPECTOR, 1983, p.38), busca a perfeição. Enumera as tarefas que precisam ser feitas e fica repetindo para não esquecer, reproduzindo o discurso masculino dominante: “Passara a ferro as camisas de Armando, fizera listas metódicas para o dia seguinte, calculara minuciosamente o que gastara de manhã na feira, não parara na verdade um instante sequer. Oh, como era bom estar de novo cansada” (LISPECTOR, 1983, p.41), pois o cansaço era um lugar discreto e apagado de onde ela saía uma vez, com muito constrangimento para todos: “Fora apenas uma fraqueza”, diz ao se referir a sua “doença”, que a tornara super humana e terrivelmente independente.

Revisando suas tarefas ela reparou nas rosas que comprara na feira pela manhã e arrumara no jarro “à luz da sala as rosas estavam em toda sua completa e tranquila beleza [...] nunca vi rosas tão bonitas, pensou” (LISPECTOR, 1983, p.47). Eram rosas lindas e perfeitas e isso a perturbou, pois a beleza e a perfeição das rosas a incomodavam. Então para se livrar delas decidiu mandá-las a Carlota antes do jantar. Assim ficaria livre delas. “Não, pensou [...] Era preciso tomar cuidado com o olhar de espanto dos outros. Era preciso nunca mais dar motivo para espanto, ainda mais com tudo ainda tão recente” (LISPECTOR, 1983, p.50). Mas pensou melhor e disse para si mesma: “não dê, elas são suas. Laura espantou-se um pouco: porque as coisas nunca eram dela” (LISPECTOR, 1983, p.51).

No modelo familiar da sociedade patriarcal existia uma hierarquia a ser seguida, a “separação entre o público e o privado”. Conforme Roberto da Matta (s.d.), citado por Xavier, (1998, p.27): “Sabe-se que tudo o que diz respeito ao mundo da casa é feminino e deve ser englobado pela mulher; mas tudo aquilo que pertence à rua ou é de fora, que fala de economia e da política, das formalidades, é masculino.” Nesse modelo familiar a mulher não tinha direitos, só deveres.

Laura deixa-se tentar pela perfeição das rosas. Acontece (novamente) o “espanto”. “Com os lábios secos procurou um instante imitar por dentro de si as rosas” (LISPECTOR, 1983, p.56). Quando o marido chega lá estava ela – luminosa e inalcançável. E exclama: “Voltou, Armando. Voltou. Foi por causa das rosas!” (LISPECTOR, 1983, p. 58-59).

Lispector ativa a imaginação do(a) leitor(a), deixando claro durante a narrativa que a personagem, antes do início do conto, havia passado por um momento existencial (epifania ou espanto) e fora tratado como loucura. Porém deixa subentendido o motivo desse espanto – poderia, talvez, ser motivado pela sua preocupação que alguém notasse “naquela mínima ponta de surpresa que havia no fundo de seus olhos...nesse mínimo ponto ofendido a falta dos filhos que ela nunca tivera? (LISPECTOR, 1983, p.38), reforçada ao final do conto, quando do espanto por causa das rosas - “Mas o ponto ofendido no fundo dos olhos estava maior e pensativo. Olhou o jarro. Cadê minhas rosas?... E as rosas faziam-lhe falta” (LISPECTOR, 1983, p. 55). Poderia ser “Os filhos faziam-lhe falta?”

A submissão imposta à protagonista pela sociedade patriarcal, foi reforçada também pela influência da ideologia religiosa. Durante a narrativa, é citado o livro *A imitação de Cristo*, obra de literatura devocional que a protagonista lera no colégio Sacre Coeur, onde ela e Carlota estudaram: “com um ardor de burra ela lera sem entender, mas, que Deus a perdoasse, ela sentira que quem imitasse Cristo estaria perdido – perdido na luz, mas perigosamente perdido. Cristo era a pior tentação”. Para ela Cristo era a tentação de ser

perfeita. “E Carlota nem ao menos quisera ler, mentira para a freira dizendo que tinha lido” (LISPECTOR, 1983, p. 39).

Esse livro, um dos mais traduzidos do mundo, publicado no século XV, foi escrito pelo Frei Tomás de Kempis, nascido no ano de 1380, na Alemanha, monge agostiniano que viveu no mosteiro de Santa Ana, é um tratado da moral cristã – orientações que o cristão deve seguir. Segundo Miguel Tamen, em *Imitação de Cristo* (prefácio):

O hábito, como disse Tomás, vence-se pelo hábito (I, XXI, 2); esse é, para ele, o princípio fundamental da imitação. Devemos a Tomás a ideia de que a possibilidade da leitura generalizada, mais que um modo de instrução, e mais que um modo de acesso direto à verdade da letra, é uma atividade que, na maneira como se desenrola, retrata a possibilidade de uma imitação de Cristo: em silêncio, em paz, e sem esperar respostas. Ao ler este livro, cada leitor vai assim, independentemente da sua vontade, encontrar-se na posição de que Tomás tanto fala, e na posição em que Tomás o quis colocar. (2015, s.p.)

Vence-se pelo hábito: em silêncio, em paz e sem esperar respostas. Com a alusão à obra *A imitação de Cristo*, a autora critica a influência da ideologia religiosa na vida de Laura, que após sua volta para casa, procura reorganizar sua vida, “enfim, voltando à insignificância com reconhecimento” (LISPECTOR, 1983, p.37).

Conforme Gerhardt e Souza, “O conhecimento teológico é revelado pela fé divina ou crença religiosa. Não pode, por sua origem, ser confirmado ou negado. Depende da formação moral e das crenças de cada indivíduo [...] é fundamentado exclusivamente na fé humana e desprovido de método” (2009, p.20). Mais adiante, as autoras apresentam algumas reflexões sobre essa forma de conhecimento, citando Teixeira (s.d.): “A fé não é cega, baseia-se em experiências espirituais, históricas, arqueológicas e coletivas que lhe dão sustentação. O conhecimento pode ter função de libertação ou de opressão” (2009, p.21).

Além da submissão da mulher à ideologia patriarcal, a igreja também ditava normas rígidas às mulheres, reforçando sua submissão e inferioridade, através de passagens bíblicas. Débora Cristina Esser (2014, p.4), em seu artigo *Literatura de autoria feminina – mulheres em cena na história e na memória*, refere-se a São Paulo, na Epístola aos Efésios, citando Araújo, 2012, p.46: “As mulheres estejam sujeitas aos seus maridos como ao Senhor, porque o homem é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja... Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos maridos”.

Em vários trechos da narrativa Laura se refere ao livro *A imitação de Cristo* e deixa clara a influência dos preceitos cristãos na sua vida: ao voltar para casa refere-se à clínica onde esteve internada como “a perfeição do planeta Marte”, dizendo que “ela, que nunca

ambicionara senão ser a mulher de um homem, reencontrava grata sua parte diariamente falível” (LISPECTOR, 1983, p.41). Seguia as recomendações do médico com o zelo de uma convertida e com seu gosto pelo método fizera de sua casa uma coisa impessoal como ela própria “de certo modo perfeita por ser impessoal” (LISPECTOR, 1983, p.40). “Para o coração cheio de culpa da mulher, tinha sido cada dia a recompensa por ter enfim dado àquele homem a alegria possível e a paz, sagradas pela mão de um padre austero que permitia aos seres apenas a alegria humilde e não a imitação de Cristo” (LISPECTOR, 1983, p.57).

Os contos analisados, embora mostrem uma estrutura familiar hierárquica apresentam diferenças importantes, em cada contexto.

O artigo de Borsa e Feil (2008), em *O papel da mulher no contexto familiar: uma breve reflexão*, aborda diferentes definições de família e levanta algumas questões sobre a construção social da maternidade. Para Roudinesco (2003, s.p.), citado pelas autoras, “a família pode ser considerada duplamente universal, uma vez que associa um fato de cultura, construído pela sociedade, a um fato da natureza, inscrito nas leis da reprodução biológica”. Mais adiante, para Osório (2002, p 15), “a família representa uma unidade grupal na qual se desenvolvem três tipos de relações pessoais, tal qual proposto por Lévi Strauss – aliança (casal), filiação (pais/filhos) e consanguinidade (irmãos).

Considerando essa definição, no conto “Amor”, a família é composta pelos três tipos: aliança, filiação e consanguinidade. Já em “Imitação da Rosa”, a família só tem um tipo de relação: aliança.

Ana e Laura – Mulheres casadas, de classe média, enquadradas no destino de mulher, precisavam estar sempre ocupadas para não refletir sobre a vida que levavam. Nos contos analisados, pode-se notar a influência da maternidade na vida das protagonistas.

A rotina de Ana, a protagonista do conto “Amor”, era muito intensa – cuidar da casa, do marido, dos filhos, costurar, cozinhar, fazer compras e ainda receber os irmãos e suas famílias para o jantar. No momento do espanto, “as crianças” a trouxeram de volta à sua realidade.

“Historicamente, o papel da maternidade sempre foi construído como o ideal máximo da mulher, caminho da plenitude e realização da feminilidade, associado a um sentido de renúncia e sacrifícios prazerosos” (BORSA; FEIL, 2008, p. 4), tal qual Lispector descreve a personagem Ana que por seus filhos renuncia “à vontade de viver”. A maternidade trouxe mais segurança a sua vida, mas ao mesmo tempo a impede de seguir seus sonhos, buscar a liberdade.

Laura, protagonista do conto “A imitação da rosa”, metódica, submissa, insegura, procurava estar sempre ocupada, mas não tinha muitas tarefas, então, desarrumava as gavetas para poder arrumá-las de novo. Muito discretamente fala da falta que lhe fazem os filhos que nunca tivera. No momento do espanto, a internaram numa clínica.

Segundo Débora Cristina Esser, em seu artigo “*Literatura de autoria feminina – mulheres em cena - na história e na memória*” (2014, p. 6):

Ao passar da adolescência para a fase adulta, o sexo feminino se depara com uma das poucas formas de poder exercidas sobre o patriarcalismo histórico – a maternidade. Toda forma de representação iniciada na infância e que confere inferioridade à mulher, mostra, na mesma condição biológica que serviu de opressão às mulheres, um único motivo de superioridade. Afinal, ela, somente ela, é capaz de gestar e dar à luz a espécie humana.

Através da personagem Laura, a autora chama a atenção para a mulher que, por alguma razão, não pode gerar filhos e a define como uma pessoa que demonstra muita insegurança e culpa. Referia-se a um problema de insuficiência ovariana como se estivesse se desculpando. Fazia o possível para se tornar invisível, insignificante. Parece que a falta dos filhos reforça sua inferioridade, ao mesmo tempo que se torna mais fácil decidir pela mudança de vida.

Comparando as atitudes das protagonistas dos contos, na “hora do espanto”, em nenhum deles houve qualquer influência do “marido” na decisão. Ambas sentiram piedade. Nesses contos, a autora deixa visível o momento de ruptura com a ideologia patriarcal, iniciada pelo feminismo. Nesse sentido, Ferreira e Carrijo fazem uma reflexão sobre a literatura de autoria feminina, abordando os movimentos feministas dizendo que: “A escrita da mulher se configura como exercício de resistência e gesto de transgressão” (2019, p. 92), e reforçam essa ideia ao afirmar que “O enfoque crítico feminista busca revelar a ideologia patriarcalista opressora que está inserida no texto literário, para depois desconstruí-la e, assim promover a emancipação do leitor” (RAMALHO, 2001, s.p. apud FERREIRA & CARRIJO, 2019, p.93). Esse enfoque crítico feminista está presente nas narrativas de Clarice. Nos contos analisados, a autora, a partir da tomada de consciência das protagonistas provocada pelo “espanto”, mostra a desconstrução da passividade e obediência a que as mulheres estavam sujeitas na época. “Ao participar das criações literárias, as mulheres passaram a reconstruir suas identidades, revelando ao mundo escritoras capazes de contribuição ao cânone literário, assim como profissionais engajadas na educação, política e em diferentes áreas da sociedade do pós-guerra” (ESSER, 2014, p.1).

No próximo capítulo, será abordado como esse processo de conscientização iniciado pela literatura de autoria feminina pode influenciar na reconstrução da identidade feminina.

3. CONDIÇÃO FEMININA X IDENTIDADE

A construção da identidade está vinculada a elementos sociais, culturais, psíquicos, materiais, históricos. Impõem-se ao sujeito assumir posições devido a influência do meio em que vive e a aspectos culturais e ideológicos. Adotar papéis exigidos pela sociedade de uma época, de uma região, de um nível social, pode fazer com que, muitas vezes, o sujeito tenha que abdicar de sua vontade para manter a identidade. É o que acontece com a mulher na sociedade regulada pela ideologia patriarcal. A cultura vigente molda uma identidade feminina única – a mulher submissa ao poder masculino, limitada ao espaço doméstico, responsável por cuidar da casa, do marido, dos filhos – tal como Lispector retrata as personagens femininas nos contos analisados.

Tomaz Tadeu da Silva (2014), no ensaio *A produção social da identidade e da diferença*, analisa a questão da identidade a partir dos estudos culturais, sob o ponto de vista social, político e pedagógico. O autor afirma que a identidade é aquilo que se é, mas a identidade só existe em função da diferença – aquilo que o outro é. Assim, há uma estreita relação de dependência entre identidade e diferença, sem contar que as duas são resultado de criações linguísticas, são criações sociais e culturais:

Como ato linguístico, a identidade e a diferença estão sujeitas a certas propriedades que caracterizam a linguagem em geral. Por exemplo, segundo o linguista Ferdinand de Saussure, a linguagem é fundamentalmente, um sistema de diferenças. Nós já havíamos encontrado esta ideia quando falamos da identidade e da diferença como elementos que só têm sentido no interior de uma cadeia de diferenciação linguística (ser isto significa não ser aquilo e não ser mais aquilo e assim por diante...) De acordo com Saussure, os elementos – os signos – que constituem uma língua não têm qualquer valor absoluto, não fazem sentido se considerados isoladamente... ele só adquire valor – ou sentido – numa cadeia infinita de outras marcas gráficas ou fonéticas que são diferentes dele. (SILVA, 2014, p. 77)

Por serem atos de criação linguística, a identidade e a diferença incorporam características próprias da língua – indeterminação, ambiguidade, instabilidade. Construir a identidade é normatizar um modo de ser e não o outro. A definição da identidade e diferença está sujeita “a relações de poder”:

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer o que somos significa também dizer o que não somos. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções, entre o

que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre nós e eles. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. Nós e eles não são, neste caso, simples distinções gramaticais [...], mas evidentes indicadores de posições de sujeito fortemente marcadas por relações de poder. (SILVA, 2014, p. 82)

Essa separação entre “nós” e “eles” divide e classifica o mundo social em classes. Nesse sentido, Silva (2014) afirma que a forma de classificação mais importante é a de oposições binárias e cita o filósofo Francês Jacques Derrida que, após estudo desse processo, conclui: “em uma oposição binária, um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa” (SILVA, 2014, p. 83). Essa carga negativa está presente na oposição binária “homem/mulher” e “cultura/natureza” na construção da identidade da mulher na sociedade patriarcal em que prevalece a dominação masculina. Nesse contexto, a construção da diferença entre homem/mulher reforça a supremacia do homem. O homem é o chefe da família, responsável pelo espaço público e a mulher, dependente, submissa, é responsável pelo espaço privado sem qualquer autonomia. “Antes que Armando voltasse do trabalho a casa deveria estar arrumada e ela própria já no vestido marrom para que pudesse atender o marido enquanto ele se vestia” (LISPECTOR, 1983, p.37). Assim, Lispector inicia o conto *A imitação da rosa*, mostrando a situação de inferioridade e submissão da protagonista Laura.

Nessa mesma linha de raciocínio, Kathryn Woodward, em *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*, analisa a diferença e sua produção, por meio de oposições binárias, dizendo que essa concepção “é fundamental para se compreender o processo de construção cultural das identidades, tendo sido adotada por muitos dos novos movimentos sociais” (2014, p.50). Cita a escritora feminista francesa Hélène Cixous (1975, p. 51), que corrobora o argumento de Derrida sobre a distribuição desigual de poder entre os dois termos de uma oposição binária, mas concentra-se nas divisões de gênero e argumenta que “essa oposição de poder também é a base das divisões sociais, especialmente daquela que existe entre homens e mulheres”.

Na obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall argumenta que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (2011, p.7), descreve o sujeito pós-moderno como não tendo uma identidade fixa (2011, p.13). Assim, as sociedades modernas do final do século XX estão enfrentando mudanças estruturais com relação à identidade, provocando o que chama de “deslocamento ou descentração do sujeito”. Esses deslocamentos são descritos através de

“uma série de rupturas nos discursos do conhecimento moderno” (HALL, 2011, p.34). Um dos descentramentos citados é “o impacto do feminismo, tanto como crítica teórica quanto como um movimento social. O feminismo faz parte do grupo de novos movimentos sociais, que emergiram durante os anos sessenta” (HALL, 2011, p.44).

Com o slogan “o pessoal é político”, o feminismo trouxe muitas conquistas para as mulheres em diversas áreas, principalmente quanto à formação da identidade feminina:

-Ele abriu, para a contestação política, arenas inteiramente novas de vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças, etc.

-Ele também enfatizou, como uma questão política e social, o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos generificados. Isto é, ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas).

-Aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero.

-O feminismo questionou a noção de que os homens e mulheres eram parte da mesma identidade, a ‘humanidade’, substituindo-a pela questão da diferença sexual. (HALL, 2011, p.45-46)

Em decorrência do feminismo a situação da mulher até então sem vez e voz, começou a mudar. A literatura de autoria feminina que historicamente havia sido considerada subcultura foi resgatada pela crítica feminista, revelando inúmeras escritoras que com suas obras “povoadas de personagens femininas conscientes do estado de dependência e submissão a que a ideologia patriarcal relegou a mulher” (ZOLIN, 2007, p.255), protestaram e criticaram os padrões vigentes iniciando um processo de reconstrução da identidade da mulher.

Nesse sentido, Silva (2014) aborda a identidade e diferença como performatividade, dizendo que esta “desloca a ênfase na identidade como descrição, como aquilo que é [...] para a ideia de tornar-se, para uma concepção da identidade como movimento e transformação” (2014, p.92), e cita Judith Butler (1999, p.95):

a mesma repetibilidade que garante a eficácia dos atos performativos que reforçam as identidades existentes pode significar também a possibilidade de interrupção das identidades hegemônicas. A repetição pode ser interrompida. A repetição pode ser questionada e contestada. É nessa interrupção que residem as possibilidades de instauração de identidades que não representem simplesmente a reprodução das relações de poder existentes. É essa possibilidade de interromper o processo de “recorte e colagem”, de efetuar uma parada no processo de citacionalidade que caracteriza os atos performativos que reforçam as diferenças instauradas, que torna possível pensar na produção de novas e renovadas identidades.

Nos contos analisados, Lispector mostra essa possibilidade de interrupção das identidades hegemônicas, quando conduz as personagens a um momento de iluminação, em que tomam consciência e percebem que é possível reconstruir suas identidades.

Questionar, contestar a condição da mulher – foi isso que a literatura de autoria feminina fez. Muitas escritoras brasileiras estão conquistando, a duras penas, seu espaço na literatura, produzindo obras de alto valor estético, rompendo com padrões arcaicos e proporcionando mudanças importantes. Clarice Lispector foi quem iniciou a fase feminista da literatura de autoria feminina no Brasil, produzindo textos valorizados pela crítica literária nacional e internacional e influenciando positivamente a mulher a reconstruir sua identidade.

As obras de Clarice, ao abordar questões ligadas ao movimento feminista e suas conquistas discute/questiona os valores patriarcais em textos que tornam visíveis a repressão feminina, com o objetivo de libertar a mulher da opressão. Com narrativas centradas na visão feminina/feminista, em suas publicações, a autora rompe os padrões da época, retratando o homem como inferior, anulado, sem qualquer destaque.

Ludmilla Carvalho Fonseca (2017), em seu artigo *A tomada de consciência em A paixão segundo GH: uma perspectiva do feminismo existencialista*, aborda o vínculo da literatura clariceana com o movimento feminista e também com os chamados escritores do fluxo de consciência:

Segundo Alfredo Bosi (2006), desde que Clarice publicou *Perto do coração selvagem*, em 1944, a crítica literária já apontava que seu romance estava em harmonia com a técnica de James Joyce, Virginia Woolf e Faulkner. A autora apresenta um processo de amadurecimento na técnica de narrar que percorre desde sua primeira obra até seus dois últimos romances. (FONSECA, 2017, p.241)

Esses escritores, assim como Lispector, usaram em suas obras a técnica do fluxo de consciência – a partir da prosa intimista exploram o lado psicológico da personagem. “Além da perspectiva psicológica, a literatura de Clarice também é marcada pelo existencialismo e pelas perspectivas fenomenológicas, bem como pela abordagem feminista” (FONSECA, 2017, p.243).

O existencialismo é uma doutrina filosófica que prega a liberdade de escolha em que cada um é responsável por suas escolhas. Teve influência da fenomenologia – fenômenos do mundo e da mente. Para o existencialismo, a existência precede a essência, pois a essência se constrói durante a vida.

Nas narrativas clariceanas, a epifania ou espanto provoca um deslocamento nas personagens, levando-as à tomada de consciência, a uma reflexão existencial de caráter feminista, em que elas refletem/contestam seu modo de vida atual, percebendo que tem liberdade de escolha e são responsáveis pelos seus atos. Como consequência desses recursos utilizados pela autora, desenvolvendo a autoconsciência da mulher, as leitoras também são

estimuladas a fazer essa reflexão existencial, incentivadas a se libertarem e iniciarem a construção de uma nova identidade feminina. Assim, a escritora, abre um sistema de influências que repercute nas gerações seguintes. Na trilha de Clarice Lispector surgem grandes escritoras que acompanham e denunciam em suas obras, a trajetória da mulher e sua discriminação social, que ao que parece está longe de terminar.

Os estudos culturais, movimento que se propôs a lutar pela inclusão das produções literárias consideradas “menores” – de autoria de mulheres, negros, homossexuais, índios – com o intuito de reduzir as desigualdades sociais, apoiou o movimento feminista, pois tinham objetivos em comum - o resgate da literatura de autoria feminina. O feminismo em sua luta contra a desigualdade de gêneros, aliado aos estudos culturais foram fundamentais na reinvenção da cultura feminina, pois até então as mulheres não tinham história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história das mulheres esteve subordinada à opressão e submissão da sociedade patriarcal por longo período, inclusive no campo literário. Isso só veio a mudar com o impacto do feminismo, dos estudos culturais e o conseqüente surgimento da crítica literária feminista que fez emergir a literatura de autoria feminina, até então ignorada.

Ao romper com os padrões estabelecidos pela cultura patriarcal e abalar as relações de poder, a literatura de Clarice Lispector funciona como um elemento de emancipação da mulher.

No primeiro capítulo, foi feita uma breve abordagem da extensa fortuna crítica sobre a obra da autora e sua escrita inovadora. Nos contos analisados, no segundo capítulo, a autora deixa visível a submissão a partir do ponto de vista da mulher, obediente aos valores patriarcais, para depois romper com esses padrões, incentivando-as a tomarem consciência, buscarem uma forma de atingir o autoconhecimento e com isso libertarem-se, iniciando um processo de conscientização dos(as) leitores(as) e também influenciando o surgimento de grandes escritoras que continuaram esse trabalho de denúncia da situação da mulher e sua discriminação social.

No terceiro capítulo, sob a perspectiva dos estudos culturais, foi abordada a reconstrução da identidade feminina – processo iniciado pela literatura de autoria feminina e resgatado pela crítica feminista. As mulheres na sociedade patriarcal tinham uma identidade hegemônica. As técnicas literárias utilizadas por Lispector em suas narrativas, como demonstrado nos contos analisados, mostram a possibilidade de interrupção dessa identidade, quando conduz as personagens a um momento de iluminação, à tomada de consciência da sua condição de inferioridade. Então, elas refletem/contestam seu modo de vida atual, e percebem que tem liberdade de escolha, são responsáveis por seus atos e podem reconstruir suas identidades, pois, a identidade não é fixa, ela é construída a partir das relações sociais e culturais: “as posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades” (WOODWARD, 2014, p.56).

As mulheres, foram aos poucos, conquistando, com muita luta, seu espaço na sociedade. A nova mulher trabalha fora, sustenta-se e muitas não são mais dependentes do homem, mas, a igualdade de oportunidades ainda está longe de ser alcançada. Apesar dos avanços, o poder representado pelo gênero masculino ainda é bastante forte - diferença

salarial, desigualdade na escolha para cargos de direção, violência, feminicídio, dupla jornada são apenas alguns dos problemas enfrentados pela mulher no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

BORSA, Juliane Callegaro; FEIL, Cristiane Friedrich. O papel da mulher no contexto familiar: Uma breve reflexão. **Psicologia.com.pt – O Portal dos Psicólogos**. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0419.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.

ESSER, Débora Cristina. Literatura de autoria feminina - mulheres em cena, na história e na memória. **Revista Línguas & Letras – Unioeste**. V. 15, n. 30, segundo semestre de 2014. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/10658/8052>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

FASCINA, Diego Miiller; MARTHA, Alice Áurea Penteadó. A recepção crítica de Clarice Lispector: momentos decisivos. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, Passo Fundo, v. 11, n. 1, p. 92-109, 2015. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/4976/3444>>. Acesso em: 06 ago. 2020.

FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro; CARRIJO, Silvana Augusta Barbosa. Literatura juvenil de autoria feminina e relações de poder: uma análise da obra o primeiro e o último verão, de Letícia Wierzchowski. **Miscelânea**, Assis, v. 25, p. 91-113, jan.-jun. 2019. Disponível em: <<http://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/1486/1237>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

FONSECA, Ludmilla Carvalho. A tomada de consciência em *A paixão segundo G.H.*: uma perspectiva do feminismo existencialista. **Revista Crioula**, [s.l.], n. 20, p. 240, 20 dez. 2017. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2017.137529>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

GERHARDT, Tatiana Engel; SOUZA, Aline Corrêa de. Aspectos teóricos e conceituais. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Ufrgs, 2009. p. 20-21.

GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **Alfa**, São Paulo, v. 39, p. 13-21, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3967/3642>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

GUARESCHI, Neuza. Ideologia e discurso. **Educação & realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 22, p. 165-185, jun./dez. 1997. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71370/40522>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Dp&a, 2011.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de Família**. 17. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

MA, Lin. **A formação da mulher em Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres de Clarice Lispector**. 2015. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270071/1/Ma_Lin_M.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2020.

NUNES, Benedito. A Forma do Conto. In: NUNES, Benedito. **Leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Quíron, 1973. p. 78-91. Disponível em: <<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2018/12/NUNES-Benedito-A-forma-do-conto-In-Leitura-de-Clarice-Lispector.pdf>>. Acesso em: 06 ago. 2020.

RAMOS, Talita de Barcelos. Algumas considerações sobre o humano e o animal em Clarice Lispector pela perspectiva de Jacques Derrida. **Letras em Revista**, Teresina, v. 10, n. 02, p. 21-32, dez. 2019. Disponível em: <<https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/83/121>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** 14. ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2014. p. 73-102.

TAMEN, Miguel. **Para ler e meditar a "Imitação de Cristo" seis séculos depois**. 11 mar. 2015. Disponível em: <https://www.snpcultura.org/para_ler_e_meditar_imitacao_Cristo_seis_seculos_depois.html>. Acesso em: 14 jun. 2020.

TERRAZAS, Carolina Hernández. **La Náusea Literaria Contemporánea em Clarice Lispector**. 2008. Tese (Programa Doctoral: Teoría de la Literatura y Literatura Comparada) – Facultat de Filologia, Universitat de Barcelona, Barcelona. Disponível em: <http://diposit.ub.edu/dspace/bitstream/2445/41662/1/CHT_TESIS.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2020.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** 14. ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2014. p. 07- 72.

XAVIER, Elódia. **Declínio do Patriarcado** – a família no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

ZOLIN, Lucia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONICCI, Thomas; ZOLIN, Lucia Osana. (Org.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2007. Disponível em: <https://www.4shared.com/office/70whrkq/critica_literaria_autoria_femi.html>. Acesso em: 13 jul. 2020.